

PT teme encolher se Lula for condenado

PANORAMA | 3

POLÍTICA Dirigentes trabalham com perspectiva de condenação e não escondem receio de encolhimento do partido após eleição

Sem Lula, PT teme encolher

BRASÍLIA

Prestes a completar 38 anos e com o destino atrelado à sobrevivência política de Luiz Inácio Lula da Silva, o PT ainda não conseguiu traçar uma estratégia eleitoral que vá além da batalha jurídica para salvar o ex-presidente e permitir sua entrada na disputa ao Palácio do Planalto. Nos bastidores, dirigentes e parlamentares trabalham com a perspectiva de condenação de Lula e não escondem o receio de encolhimento do PT no Legislativo e até em governos estaduais, caso ele seja impedido de concorrer.

O resultado do julgamento do ex-presidente pelo Tribunal Regional da 4ª Região (TRF-4) nesta quarta-feira, em Porto Alegre, põe em xeque o futuro do PT pós-Lava Jato.

Seja qual for o desfecho, porém, a Executiva Nacional petista lançará a candidatura dele no dia 25. Para ganhar tempo, o registro será feito em 15 de agosto, último dia do prazo estabelecido pela Justiça Eleitoral.

Até lá, o PT apresentará um programa de governo que põe o Estado como "motor de desenvolvimento", prega gestão fiscal "anticíclica" para estimular o crescimento em época de crise, isenta quem ganha até cinco salários mínimos de pagar Imposto de Renda e defende a federalização do ensino médio. As propostas procuram aproximar o PT da classe média e da juventude, além de resgatar eleitores que se decepcionaram com o governo Dilma Rousseff.

A ideia do partido é criar um clima de comoção no País durante a campanha e investir no discurso do "nós contra eles", na tentativa de mostrar que Lula é "vítima" de perseguição montada para impedi-lo de chegar à Presidência.

O petista responde a seis processos e foi condenado a 9 anos e 6 meses de prisão por corrupção passiva e lavagem de dinheiro pelo juiz Sérgio Moro, no caso do triplex do Guarujá. Até agora, ele lidera todas as pesquisas de intenção de voto.

O placar do julgamento de Lula, porém, é motivo de preocupação no PT. A expectativa ali é de que o ex-presidente consiga ao menos um voto favorável, dos três desembargadores que vão examinar o processo, abrindo divergência no TRF-4. Dessa forma, ele teria direito a mais um recurso.

"Se Lula for condenado, não teremos mais normalidade institucional no Brasil", afirmou ao Estado a presidente do PT, senadora Gleisi Hoffmann (PR). "A partir do dia 24 será luta cerrada. Estão cutucando a onça com vara curta", emendou.

Ré na Lava Jato, Gleisi chegou a dizer, em entrevista ao site Poder360, que, para prender Lula, seria preciso "matar gente", mas depois alegou ter usado uma "força de expressão".

Na prática, todas as energias do partido estão concentradas para fazer com que o nome de Lula esteja na urna em outubro. Dependente de seu líder, o PT teme minguar na Câmara e no Senado, se o ex-presidente



IMPASSE O ex-presidente Lula durante encontro com intelectuais em São Paulo; resultado do julgamento em Porto Alegre põe em xeque futuro do PT pós-Lava Jato

Porto Alegre, um palco do petismo

SÃO PAULO

Palco de acirradas disputas eleitorais e mobilizações marcadas por fortes divisões políticas e por longos períodos sob comando do PT, Porto Alegre volta a viver nesta semana um papel de destaque na história do partido. Com o impeachment de Dilma Rousseff, que optou por viver na cidade desde a perda do poder em Brasília, e a condenação por corrupção do principal líder da legenda, Luiz Inácio Lula da Silva, a capital gaúcha acompanha um momento de forte desgaste político do petismo - o julgamento no TRF-4, no dia 24, da sentença do

ficar fora do páreo.

Na eleição de 2016, ano do impeachment de Dilma, a legenda chegou a perder 60% das 530 prefeituras sob seu comando, incluindo a de São Paulo, considerada a "joia da coroa". Agora, a meta do PT é ter candidato próprio em pelo menos 14 dos 26 Estados.

Plano B

Não há consenso, porém, sobre quem pode encarnar o plano B de última hora, caso Lula vire ficha suja. Postulante ao Senado, o ex-ministro e ex-governador da Bahia Jaques Wagner é hoje o mais cotado para assumir a tarefa, em caso de emergência. O outro nome citado é o do ex-prefeito de São Paulo Fernando Haddad, atual coordenador do programa de governo de Lula. "O País e a democracia estão à deriva e uma eleição sem Lula só vai aumentar este caos", disse o ex-ministro Tarso Genro.

Ex-governador do Rio Grande do Sul e integrante da corrente Mensagem ao Partido, Tarso defende a "refundação" do PT, proposta já apresentada por ele após o mensalão, em 2005.

Questionado se o partido poderá ser dizimado nas ur-

juiz federal Sérgio Moro.

"O Rio Grande do Sul, com a qualidade de sua militância política, foi fundamental para o PT", avalia o professor de Ética e Filosofia na **Unicamp Roberto Romano**. Ele argumenta que é preciso observar a existência da educação e da formação política regional bem anterior ao surgimento do PT, criado em 1980.

Para Romano, o Estado tem tradição de uma militância "muitas vezes até exacerbada", desde os Farrroupilha. Mas criou líderes no século 20, como Getúlio Vargas e Leonel Brizola. E o PT se beneficiou disso.

Segundo ele, o PT foi for-

mado por três pilares: "Esquerda católica, militância do antigo Partido Comunista Brasileiro e trotskistas". E na esquerda católica se encontra forte marca do movimento rural, com características patriarcais da agricultura familiar local. Um exemplo é o fortalecimento da militância de colonos, muitos deles desalojados por barragens e que viriam a formar o MST.

Em 1990, outro momento dramático da militância na cidade: o conflito da Praça da Matriz, episódio da morte de um PM que sofreu um corte no pescoço durante confronto com manifestantes pró-reforma agrária. "O Rio Gran-

de deu sua contribuição ao partido, assim como outros Estados", diz o deputado federal Pepe Vargas (PT-RS), dirigente estadual da legenda.

Vargas discorda do que o partido tenha raiz principal nos movimentos rurais. Para ele, o petismo teve forte influência do sindicalismo urbano. "Veja a histórica greve dos bancários, que tinha em Ovídio Dutra uma forte liderança sindical", lembrou.

Eleito em 1988, Dutra abriu período de 16 anos do PT na Prefeitura. Para Vargas, a morte do PM foi "uma tragédia, resultado da repressão desnecessária da PM contra os colonos."

Como projeto político, deve se colocar além das contingências do seu líder, por maior que ele seja. Se assim não for, perde o seu sentido histórico."

Menos de dois anos após deixar o Planalto na esteira do impeachment de Dilma, o PT enfrenta hoje o maior desafio de seus 38 anos, que serão com-

pletados em fevereiro, quando Lula lançará nova Carta ao Povo Brasileiro.

Na campanha de 2002, o documento foi feito sob medida para acalmar o mercado, mas agora o ex-presidente quer detalhar o que já fez. Na carta de 2018, Lula não vai adotar tom de revanche como o do pa-

lanque, mas dirá ser capaz de pacificar o País.

'Tese'

Para o presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), é preciso desmontar a "tese" de que Lula será imbatível. "É importante que ele dispute porque tenho convicção de que perderá as eleições", argumentou Maia, também pré-candidato ao Planalto. "Falamos do ativo do PT, mas e o passivo de 14 milhões de desempregados?"

Na avaliação do ministro das Relações Exteriores, Aloysio Nunes Ferreira (PSDB), o cenário eleitoral somente ficará mais claro após o julgamento do TRF-4. "Estamos todos presos à hipoteca do Lula, que não sabemos quando será resgatada", comparou ele.

Como antigos dirigentes abatidos, como José Dirceu, sob ameaça de delação de Antônio Palocci - ex-homem forte dos governos Lula e Dilma - e sem a companhia de tradicionais aliados, entre os quais o PCdoB, o maior partido de oposição entrará na campanha com muitas interrogações no horizonte. "O PT vai para o tudo ou nada com Lula", resumiu Jilmar Tatto, vice-presidente do PT paulista.